DOCUMENTOS
PARA A
HISTORIA GERAL DA GUERRA DE 1914.

I.

CARTA DE UM AMERICANO A UM ALLEMÃO

POR

DOUGLAS W. JOHNSON,
Professor da Universidade de Columbia.

LONDON: EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1917

DOCUMENTOS
PARA A
HISTORIA GERAL DA GUERRA DE 1914.

I.

CARTA DE UM AMERICANO A UM ALLEMÃO

POR

DOUGLAS W. JOHNSON,
Professor da Universidade de Columbia.

LONDON: EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1917.

COMITÉ INTERNACIONAL "VERITAS" (Rio Grande).

Presidente.

Dr. A. Duprat.

Vice-Presidentes.

Dr. Alcides de Mendonça Lima.
Dr. Pio Angelo da Silva.

Secretarios.

Snrs. Affonso Faveret.
João Luiz Faria.
Marcel Guidoux.
J. A. Read.

Thezoureiro.

Snr. Raymond Picaud.

COMITÉ INTERNACIONAL "VERITAS."

O Comité Internacional "Veritas" foi organisado no Rio Grande em julho de 1915. Seus fundadores se inspiraram no objectivo exclusivo de promoverem a publicação em lingua portugueza da maior copia possivel de documentos e de trabalhos relativos á Conflagração Européa, especialmente dos que se referem aos acontecimentos satellites da acção militar propriamente dita. Até á presente data, o Comité tem lançado mão das publicações feitas por outros Comités, com os quaes não tem cessado de se manter em continua correspondencia.

Os acontecimentos que se estão desenrolando desde agosto de 1914, encarados sob o ponto de vista militar ainda não offerecem um recúo sufficiente para que possam ser devidamente apreciados, tanto mais quanto o que delles se tem permittido conhecer, certamente qualquer que seja a fonte de informação, só representa uma parte da realidade. Aliás, o que diz

respeito á guerra militar ainda mesmo que podesse, desde já, ser mais bem conhecido, seria assumpto mais para os especialistas e os technicos do que para o publico em geral.

Si os acontecimentos militares não podem ser ainda penetrados ou só podem ser conhecidos de um modo incompleto o mesmo não se dá relativamente aos preparativos moraes e materiaes emprehendidos durante o quasi meio seculo que precedeu o grande conflicto.

E a devassa desse meio seculo que deve despertar o mais accurado interesse; é essa devassa que proporcionará a maior somma de ensinamentos proveitosos.

Até 1914, a Humanidade viveu na persuasão de que a civilisação e a cultura constituiam um patrimonio universal, sem que jamais tivesse occorrido dar um balanço para que fosse avaliada a quota de contribuição que cabia a cada paiz ou raça na formação deste patrimonio.

Foi, pois, violenta a surpreza que se apoderou do mundo quando sobre elle se abateu a horda dos barbaros cultos declarando, a ferro e fogo, que se tinham

abalado para conquistar no universo a posição de predominio absoluto sobre todas os povos e todas as raças no cumprimento da divina missão que lhe tinha sido imposta pelo Todo Poderoso!

Foi então que, como acertadamente escreveu M. de Wulff, "todos tiveram a impressão de que uma inversão dos valores moraes se estava operando na Allemanha."

Proclamando-se povo eleito, o povo entre os povos, o unico povo, ao qual, por isso mesmo, cabia o direito divino de assumir a tutela de todos os outros, para aperfeiçoal-os e tornal-os mais felizes; proclamando-se a raça sem jaça, a unica raça e por isso mesmo com o direito de dominar todas as outras, para apural-as e evitar que degenerem de um modo definitivo; proclamando que os principios organicos que amparam a estructura das sociedades modernas tinham que ser refundidos por obsoletos e contrarios aos progressos da sciencia, a Allemanha lançou ao mundo um desafio que não podia deixar, como aconteceu, de voltal-o coheso contra ella. Com

effeito, é a Europa que está em guerra, mas a Humanidade tem o sentimento nitido de se achar deante de uma ameaça de remodelação de seu proprio modo de ser.

O eminente estadista inglez, Lloyd George, definou cabalmente esta situação quando disse :—

" A muralha laboriosamente erguida por gerações de homens contra a barbaria foi arrombada, e, si o poder da Grã-Bretanha não vara através da brecha aberta, a Europa teria sido inundada por uma selvageria irrefreada, por uma onda incontida de arbitrariedade e de depravação."

Dada a repercussão que semelhante catastrophe teria tido no mundo inteiro, é obvio que em face do grande conflicto não se trata de discutir sympathias por este ou aquelle grupo de belligerantes; na realidade, o que está em jogo é a consciencia que cada povo deve ter de sua soberania politica e de sua dignidade nacional. A cada um delles cabe não malbaratar o Direito historico que delle fez uma unidade no concerto das Nações, sendo mister que as formas fallaciosas do

moderno internacionalismo não transformem em prato de lentilhas os lucros materiaes que parecem deixar os artefactos-camelote.

No celebre "Manifesto" que 93 intellectuaes allemães dirigiram a seus pares dos paizes neutros, encontra-se o seguinte trecho :—

"Não é verdade que a lucta contra o que chamam nosso militarismo não seja dirigida contra nossa cultura, como affirmam nossos hypocritas inimigos. Sem o nosso militarismo, nossa civilisação ha muito teria sido aniquilada."

Esta insolita solidariedade dos intellectuaes allemães com o militarismo prussiano, por exemplo, constituer um dos mais curiosos e interessantes assumptos de estudo suscitados pela presente guerra.

Entre os sabios que assignaram o "Manifesto" dos 93, figura o professor Ostwald, de universal notoriedade, o que proporciona uma feliz opportunidade para, por assim dizer, prescrutar-se a mentalidade do allemão moderno.

Antes da guerra Ostwald era pacifista e internacionalista, o que o levou em 10 de maio de 1910 a publicar na revista

parisiense *La Grande Revue*, sob o titulo, "Le grand pas," um artigo a respeito do qual o eminente academico Victor Delbos se refere nos seguintes termos :—

"'Tratava-se de um convite instante á França, á nação que sempre teve o sentimento vivo, enthusiasta do *grande*, do *humano* em geral'; o que é que cabia fazer a esta França tão magnificamente louvada? Realisar a paz dos povos iniciando sósinha, e sem intelligencia com as outras Nações, seu desarmamento. O problema do desarmamento simultaneo e proporcional dos Estados comporta, dizia Ostwald, tantas difficuldades, que sua solução excede ás forças humanas. É preciso pois, que uma Nação se arrisque, e empregue suas mãos para se despojar de sua armadura. — Se arrisque? Mas no fundo não ha risco, affirma o nosso homem. Depois da guerra com o Japão, a Russia se encontrou na Europa, praticamente, sem defeza. Quem foi que a atacou? Com maior força de razão, quem ousaria atacar um povo bastante magnanimo para ter confiado sua segurança á lealdade das outras Nações?—Porque, entretanto, é á Nação Franceza a quem cabe começar? Primeiro, porque a França, mais do que qualquer outra, está ameaçada de decadencia economica e scientifica em consequencia do desfalque que o serviço militar opera em seus annos de mocildade

que são decisivos para a formação das aptidões. Em segundo logar, porque a França, sempre fez obra de peoneiro no desenvolvimento politico da Europa, e que ella deve ser, por conseguinte, a primeira a realisar o maior de todos os actos politicos que conhecerá a Historia destes ultimos seculos.

"Não insistamos. Essas affirmações, tão pouco tempo antes da guerra, quando a Allemanha accumulava seus meios de ataque, resurgem hoje com toda a sua revoltante inconsciencia e a sua sinistra ironia."

Mudando de rumo, o professor Ostwald, em novembro de 1914, dirigindo-se a um redactor do jornal sueco *Dagen*, se exprimia nos termos que seguem :—

"Não odiamos os Francezes. Penso, abstracção feita das razões de facto que deram logar á guerra, que a causa mais profunda desta está no temor de nossos inimigos da força inaudita com a qual a Allemanha soube até aqui realisar seu grande pensamento organisador, pensamento que a Allemanha se propôe, precisamente, por meio desta guerra pôr em pratica com mais energia do que antes.

"Falla-se do militarismo allemão; é bem possivel, com effeito, que a hostilidade que a Allemanha encontra no mundo seja devida ao desenvolvimento do militarismo allemão; mas,

é justamente este militarismo que constitue uma das expressões mais poderosas da força organisadora da Allemanha. Ora, a Allemanha, graças á sua faculdade de organisação, attingiu uma etapa de civilisação mais apurada do que os outros povos. A guerra, um dia, os fará participar, sob a forma dessa organisação, de uma civilisação mais elevada. Entre os nossos inimigos os Russos, em summa, estão ainda no periodo da horda, emquanto que os Francezes e os Inglezes attingiram o grau de desenvolvimento cultural que transpuzemos ha mais de cincoenta annos. Esta etapa é a do individualismo. Mas, acima desta etapa, se acha a etapa da organisação. Eis onde chegou a Allemanha de hoje.

"Desejais saber o que quer a Allemanha? pois bem, a Allemanha quer organisar a Europa porque a Europa até aqui não foi organisada.

"A Allemanha quer enveredar por uma nova direcção para realisar a ideia do trabalho collectivo.

"De que modo a Allemanha se propõe levar a cabo seus projectos de organisação? A Oeste, ella exigirá que os Allemães e os Francezes sejam acolhidos nos dous paizes respectivos; que lhes seja permittido trabalhar e adquirir bens, exactamente nas mesmas condicções que os habitantes do proprio paiz; a Leste a Allemanha creará uma confederação de Estados, uma especie de confederação Baltica, que

abrangerá os Estados Escandinavos, a Finlandia e as Provincias Balticas. Finalmente, a Polonia será arrancada á Russia e se fará della um novo Estado independente.

" Acho que chegou o momento de ser refeita a carta da Europa.

" Quanto ao papel cada vez mais saliente representado pelas Igrejas nos paizes invadidos, é uma consequencia que não foi possivel evitar. A situação evoca necessariamente, em muitos dominios, os instinctos atavicos. Direi, entretanto, que Deus Padre, entre nós, é reservado para o uso particular do Imperador (*sic*). Fallou-se delle, uma vez, em um relatorio do Grande Estado Maior, mas é preciso notar que isto nunca mais occorreu.

" Os sabios que assignaram o ' Manifesto,' estão constituindo uma organisação de propaganda com o fim de defender a cultura allemã contra os ataques dos nossos inimigos.

" Resolvi vir a Suecia para, em nome deste Comité, procurar fazer com que, algumas personalidades de destaque se decidam a visitar a Allemanha, afim de verificarem que, mesmo durante a tormenta actual continuamos, em todos os dominios, a proseguir nos nossos trabalhos intellectuaes.

" Eis porque estou aqui. A Allemanha, para muitos suecos, é Berlim; mas na realidade, é igualmente justo dizer-se que a Allemanha é absolutamente o contrario : Munich, por exemplo.

" O que é que aqui se entende por nosso 'terrivel militarismo'? Acaso as outras Potencias não tem cousa analoga? Seja como for, este militarismo nos assenta muito bem. Nenhum paiz a não ser a Hollanda, alcançou tantos premios Nobel como nós.

" Passo agora a explicar-vos o grande segredo da Allemanha. Nós, ou talvez melhor a raça germanica, descobrimos o 'factor da organisação.'

" Os outros povos vivem ainda sob o regime do individualismo, ao passo que nós estamos sob o da organisação.

" Entre nós, tudo tende a tirar do individuo o maximo de rendimento no sentido mais favoravel á sociedade. Nisto é que para nós consiste a liberdade sob a sua forma mais elevada, ou seja a liberdade que salvaguarda todas as forças fazendo-as concorrer para o mesmo fim.

" Nada pretendemos conquistar. Sabe-se que eu sou um pacifista, um internacionalista. Nunca poderei approvar um programma de conquista.

" Em França, nós vamos conquistar o direito de fazer livremente concurrencia aos Francezes, quero dizer, entre outras cousas, o direito de adquirir e possuir terrenos, etc. . . . . .

" Os Francezes terão o mesmo direito entre nós. Sómente, dada a nossa força de expansão, a organisação da nossa cooperação e de nossas trocas será tão forte, tiraremos tal proveito

deste direito de adquirir e das nossas relações com os nossos visinhos, que a guerra não mais será possivel de futuro.

" É sob esta forma que encaramos a conquista."

Uma vez que é Ostwald que falla, é da maxima importancia notar—

" que a Allemanha se propõe, precisamente, por meio desta guerra, consummar com mais energia do que antes sua concepção da organisação."

Bem entendido, sua concepção da organisação segundo o ponto de vista allemão, é o que Ostwald devia ter dito. Com effeito, não está provado que a Allemanha tenha descoberto a organisação, nem mesmo que ella tenha alcançado a " etapa da organisação."

Viver sob o regime de uma organisação não quer dizer :—viver sob o regime da organisação.

Que o militarismo constitua " uma das mais poderosas expressões da força organisadora da Allemanha," seria pueril contestal-o. Mas, é tudo. De outro lado, tambem seria pueril contestar

que fazendo-se convergir todas as forças vivas de um povo para um só fim, empenha-se este povo no caminho da desorganisação. Si podesse haver duvidas a respeito do papel dominante do militarismo na Allemanha o "Manifesto" dos 93 intellectuaes, ahi está para decipal-as, affirmando que "sem o nosso militarismo a nossa civilisação ha muito teria sido anniquilada."

Mesmo na hypothese pouco cabivel do "Ellas por ellas" como solução do actual conflicto a decantada organisação allemã não fez mais do que arrastar a Allemanha na mais profunda das desorganisações.

A rebuçada theoria de Ostwald, que goza dos foros de doutrina nacional, requer desenvolvimentos para os quaes nos falta aqui espaço.

Podemos, entretanto, assignalar, de passagem, o mecanismo da conquista segundo o ponto de vista allemão que Ostwald nos faz conhecer e que justifica plenamente a definição que um autor notavel deu do "Pangermanismo," considerando-o um gaz deleterio funesto

ao ideal de todo o povo civilisado—verdadeiro gaz asphyxiante, que annula ou entorpece todas as iniciativas, todas as actividades que não convergem para o "Deutschland über Alles."

Aos que, hoje ainda, comprazem-se em classificar de irrequietos jacobinos aquelles que não cessam de apontar o Perigo Allemão—vem de molde chamar-lhes a attenção sobre o modo allemão de comprehender a conquista e de evitar a guerra para o futuro.

O que se tem passado nos bastidores do internacionalismo não offerece menos revelações surprehendentes e suggestivas. Desse lado ainda, as indagações não apresentam somente interesse historico.

Eis um incidente occorrido em Vienna, referido pelo snr. Francisco Melgar no seu "Amende Honorable":—

"O embaixador da Russia ao receber seus passaportes, declarou que confiava seus concidadãos aos cuidados do embaixador da Hespanha que o accompanhou até a estação de partida. Como o trem alli encontrado não tivesse lotação para que podesse embarcar todo o pessoal Russo, dous empregados da chancelaria ficaram na plataforma sob a protecção

do embaixador hespanhol, que os levou no seu carro para o palacio de Annagasse.

"No dia seguinte, pela manhã, um commissario de policia bateu a porta.

"Eis seu dialogo com o embaixador hespanhol:

"O commissario.—'Venho prender dous espiões russos que se acham escondidos neste edificio.'

"O embaixador.—'Não sou um acoitador de espiões, e não tendes o direito de transpor esta porta. Aqui, estamos em territorio hespanhol.'

"O commissario.—'Em tempo de guerra a extraterritorialidade não existe.'

"O embaixador.—'Perdão . . . As immunidades diplomaticas são antes concedidas em tempo de guerra do que em tempo de paz, do mesmo modo que os medicamentos são empregados de preferencia nas doenças do que nas circumstancias normaes. Vos prohibo de transpor as fronteiras de minha patria,'

"O commissario.—'Entregue-me os dous espiões ou eu mando dar busca no Palacio.'

"O embaixador.—'Não lhe entregarei ninguem e você não dará busca alguma.'

"O commissario.—'Então empregarei a força.'

"Elle assim o fez. Tendo deixado a embaixada, voltou alguns minutos mais tarde com praças de linha, apoderou-se dos dous

infelizes, os levou para um calabouço, donde provavelmente só sahiram para ir para o outro mundo.

" Não estou nos segredos do snr. de Castro Casaleiz.

" Sei entretanto que elle é tão perfeito cavalheiro quanto diplomata experimentado. Supponho, por isso, que si elle encobriu este facto escandaloso, sem formular as reclamações publicas que elle comportava, não foi isso devido a seus sentimentos germanophilos, mas sim á sugestões patrioticas. Elle preferiu devorar a affronta em silencio a tomar medidas energicas que arriscavam abalar a neutralidade hespanhola.

" Mas o facto é veridico, e soubre delle por meio de uma alta personalidade austriaca que, mau grado seus sentimentos intimos, fez diligencias—naturalmente improficuas—para obter a soltura dos dous russos e as satisfacções devidas á bandeira hespanhola. Desafio quem quer que seja a negar a authenticidade dos factos que ahi ficam."

O silencio guardado pelas chancelairas neutraes deante do monstruoso attentado da violação da neutralidade da Belgica, reduz a proporções minimas o incidente de Vienna.

E que o preparo bellico exhibido

pela Allemanha, a avalanche humana que ella poz em movimento, não permittia, mesmo aos mais autorisados vaticinadores, prever as batalhas do Marne e a da Trouée des Charmes.

Alem desso, as façanhas na Belgica davam mais do que a entender que as doutrinas do Professor Lasson não eram locubrações extravagantes de um espirito original.

Com effeito, eis como o professor Lasson se pronuncia a respeito dos neutros :—

"O patriotismo mais ignobil é aquelle que não se applica nem mesmo a um Estado verdadeiro, mas a uma falsa caricatura de Estado que jamais teve a força de existir e de se defender pelos seus proprios meios, que só existe pela graça de outro, que não é realmente um Estado." (Pag. 67.)

"O direito á independencia não é um direito innato de um povo, elle deve ser adquirido com muito sacrificio. . . . Um povo de alta cultura, mas de cultura pouco favoravel á concentracção e á acção militar do Estado, deve com toda a justiça obedecer ao barbaro cuja organisação militar e politica é superior." (Pag. 71.)

"Isto nada tem de illogico. O valor moral

de uma forma de cultura está na sua força. A cultura existe para se manifestar sob a forma de força." (Pag. 72.)

"Ninguem é obrigado a acceitar a escravidão. Quando a força não é sufficiente para assegurar a liberdade, resta como recurso a morte." (Pag. 75.)

"A civilisação conduz á concordia mas a civilisação não é a cultura. Entre formas de cultura, não pode haver senão conflicto e odio." (Pag. 79.)

"Exigir um desenvolvimento pacifico das diversas formas de cultura é exigir o impossivel, inverter a ordem da natureza, collocar um falso idolo no logar da verdadeira moralidade. . . . . Este estado paradisiaco . . . não passa de uma phrase na bocca dos simples ou de uma mentira hypocrita e consciente." (Pag. 79.)

Não é para admirar que *Le Temps*, deante desses factos, tenha escripto :—

"A diplomacia dos alliados nada pode para tornar efficiente a indignação platonica dos neutros. O heroismo dos nossos soldados tão pouco. Somente, a victoria fará com que as sympathias que nos encorajem e nos sustentam tornem-se bastante actuantes para se traduzirem por actos collectivos. É, pois, unicamente de nos assegurar esta victoria e de apressal-a que todos nos devemos preocupar."

É para todos nós de grande vantagem conhecer o que de nós pensa a Allemanha supercivilisada. Infelizmente, perante ella, nem mesmo attingimos á etapa do individualismo, a tomar-se como reflexo da opinião official o que sobre nós escreveu em seu "diario de marcha" um commandante allemão que foi encontrado morto no campo de batalha, e citado pelo snr. Jean Finot no n° 17–18 de outubro novembro de 1914 de sua *Revue* :—

"Assistimos hoje ás ultimas convulsões da civilisação latina, tornada impotente desde muito tempo e a exhalar debaixo dos nossos calcanhares o ultimo alento. Importa que por toda a parte nos dous mundos, os latinos sejam substituidos por nossa raça, mais nobre e mais forte, que representa a nova civilisação, a grande civilisação do futuro. Quem conhece os paizes sul-americanos e especialmente o Brazil, sabe o que têm feito os latinos. Governantes corrompidos, povos sem vigor e sem moralidade, em plena anarchia, incapazes de tirarem o menor proveito das regiões em que se acham estabelecidos, vivendo de mendicidade e de rapina, no meio de riquezas naturaes infinitas, sem a força, sem a coragem de exploral-as, eis o que hoje se presencia nestes paizes

onde os latinos dominam. Desse lado, tambem, será preciso fazer convergir nossos esforços depois da victoria."

Quando tivermos sufficientemente compulsado as publicações a que acima alludimos, comprehenderemos o alcance da conclusão com que W. M. Fullerton termina o prefacio de seu magnifico escripto " Les Etats-Unis et la Guerre ":—

" Si fosse possivel considerar a guerra somente debaixo do ponto de vista exclusivamente americano, se verificaria que elle nenhum pezar faz experimentar aos patriotas americanos; com effeito, sem a subversão por elle provocada, a nossa unidade nacional estava arriscada a ser compromettida ou pelo menos sua realisação tinha muitas probabilidades de ser addiada para tempos ainda bastante affastados."

A carta do eminente professor da Universidade de Columbia, o snr. Douglas W. Johnson, com a qual o Comité inicía suas publicações, melhor do que phrases servirá para definir o programma que elle se propõe a prehencher. A resposta do Prof. Johnson está formulada de tal modo que facil se torna para o leitor darse conta do teór da carta escripta pelo

professor allemão, e conseguintemente ajuizar das bases, sobre as quaes, de um modo geral, o ponto de vista allemão estriba a sua defeza. A carta do professor Johnson feriu todos os pontos da contenda moral que se prendem ao cataclysmo europeo, o que a torna um verdadeiro programma de investigações e de estudos.

Dr. A. DUPRAT.

Rio Grande, janeiro de 1917.

Esta carta escripta pelo Snr. Douglas W. Johnson, professor da Universidade de Columbia, em New York, é a resposta a uma carta advogavado a causa da Allemanha, que elle recebeu de um professor de uma Universidade allemã. Pelo rigor, emoçao e eloquencia, ella constitue um precioso testemunho da opinião que tem sobre a guerra alguns meios esclarecidos da America.

Revue de Paris,
15 *de Septembro,* 1916.

CARTA DE UM AMERICANO A UM ALLEMÃO.

Recebi vossas duas cartas, contendo recortes de jornaes, bem como vosso cartao postal. Posso assegurar-vos que não foi por impolidez que demorei em responder. Considero uma felicidade para mim a remessa dos referidos recortes de jornaes, pois tenho sempre grande interesse em ler o que os homens eminentes da Allemanha apresentam como argumentos em favor de sua opinião sobre assumptos transcendentes. Li com muita attenção vossas cartas, particularmente vossa longa carta de 9 de Julho. Aprecio vosso energico esforço para me persuadir da justiça de vossa causa, e sei avaliar o tempo e o trabalho despendidos para me apresentar, em termos tão cuidados, o ponto de vista allemão sobre assumptos da mais profunda importancia para os nossos dois governos.

Si tardei em responder, foi por duvidar intimamente que uma carta minha vos podesse ser util.

Não posso compartilhar da vossa opinião sobre a responsabilidade da Allemanha n'esta guerra, nem sobre os methodos por ella empregados para fazel-a. Não penso que possa ser proveitosa uma exposição de minhas ideias pessoaes sobre este assumpto vital. Vossas

cartas deixam transparecer que foram escriptas sob a influencia de uma emoção intensa, emoção que se pode comprehender e respeitar, mas que vos deve impedir de acolher com imparcialidade vistas oppostas ás vossas.

Uma vez que vosso paiz se vê cercado de adversarios poderosos; uma vez que vossos filhos invadiram, como um diluvio, terras extrangeiras, no cumprimento heroico das ordens de vosso governo; uma vez que a patria que adoraes se acha moralmente isolada; por todos os neutros condemnada pelos crimes barbaros que ella tem commettido contra a civilisação; não se pode esperar que vos seja possivel escrever com a exactidão e a prudencia scientifica, que teriam sido, em condições ordinarias, o vosso ideal.

Devido a isso, é que não vos guardo rancor por aquillo que em vossas cartas, em outras circumstancias, teria provocado energicos protestos. Affirmaes, por exemplo, que meus compatriotas e eu mesmo, nos inspiramos inteiramente, para julgar da conducta dos allemães, em uma imprensa corrompida e venal, que distilla veneno a soldo de um unico partido politico. Estou convencido de que esta affirmação não ser visou ser tão injuriosa quanto parece. Sem duvida alguma, sois levado por vossa emoção a proferir accusações que vosso senso da justiça, e vossa polidez condemnariam em outros momentos. Quando sobrevierem tempos mais calmos,

estou convencido, não conservareis essa opinião summaria de que " a imprensa diaria tornou-se um dos mais horrorosos flagellos da humanidade, uma ulcera no seio da sociedade, tendo assumido o papel de contrapor, umas ás outras, as raças, as nações, as religiões, e as classes, com o fim de servir interesses particulares como sejam a riqueza, a influencia politica, a posição social." Convenho que alguns dos nossos jornaes são uma deshonra para a nobre profissão de jornalista; concordo que alguns sacrificam a honra ao lucro, e servem, como escravos, interesses particulares; isso não impede que o jornalismo americano se orgulhe de numerosos nomes que se impoêm ao respeito, aqui como no extrangeiro, por uma longa carreira de probidade e de coragem, e por serviços relevantes prestados á causa da humanidade. A um d'elles, a Universidade de Columbia, acaba de conferir um dos titulos honorificos mais altos que lhe é dado conceder aos homens de ideal e de honra. O jornal que elle publica e cuja tiragem é das maiores, é lido por mim; e é lido por milhares de Americanos avidos de conhecerem a verdade. Por mais baixo que tenha cahido o nivel moral de alguns jornaes, não se póde estender aos jornaes, lidos pela maioria dos Americanos intelligentes, a pecha que atiraes sobre toda a imprensa, de ser um negocio organisado para o enriquecimento de seus proprietarios e a defesa de certos interesses especiaes " indifferente ao

bem e ao mal que possa fazer ao seu paiz, indifferente á verdade e á justiça."

Não conheço bastante os jornaes allemães para d'elles poder apreciar o ideal; mas apezar da pouca liberdade deixada á imprensa do vosso paiz, não posso suppor que a condição d'ella seja tão lamentavel que autorise o julgamento summario que externaes sobre tudo quanto é jornal.

Si tivesseis pesado seriamente quanto são differentes na Allemanha e na America as relações da Imprensa com o Governo, não terieis incorrido no erro de suppor que uma forte proporção dos jornaes dos Estados Unidos e bem assim de outros paizes "pagos ou inspirados pelo governo, se empregaram em fomentar o odio e o depreso contra a Allemanha."

Ao inverso da vossa, a nossa Imprensa conserva-se livre de qualquer influencia governamental. Qualquer tentativa do nosso governo para dictar a politica de um jornal seria energicamente repellida, como uma afronta e condemnada a um fracasso certo. Os Americanos não acceitam a doutrina allemã segundo a qual a Imprensa "deve ser sujeita á censura na medida em que isso seja necessario ao bem da communidade"; elles professam que a liberdade completa da palavra é essencial á verdadeira liberdade. A Imprensa Americana não conhece a Censura; a vossa, sim, é dominada

por uma Censura que, todo o mundo o sabe, tem, de modo inaudito, deixado o povo allemão na ignorancia de factos importantes. Nenhum jornal americano póde ser supprimido pelo que imprime ; ao passo que, mais de uma vez, jornaes allemães foram suspensos porque, no entender do governo, o que elles diziam não era do interesse do paiz. Junto a esta carta uma mensagem transmittida pelo telegrapho sem fio e que passou pela censura allemã; é uma prova, entre mil, do modo como são alimentados os vossos jornaes.

De nada serve dizer que censura e suppressão são necessarias ao bem da patria e que os jornaes incriminados precisavam ser eliminados. Um facto essencial permanece: vossos jornaes não gozam da liberdade de publicar o que julgam conveniente; os nossos, porém, gozam d'esta liberdade. No vosso paiz, cada numero de jornal tem que ser submettido á policia, e os vossos governantes podem, antes d'elles entrarem em circulação, verificar o que se escreveu e o que tem que ser lido; entre nós, não ha um só jornal que tenha que ser examinado, por um funccionario, qualquer que seja. Não vos é possivel ler aquillo que o vosso governo julga prudente que ignoreis; nós, podemos ler seja o que fôr agrade ou não ao Governo. Os Americanos são de opinião que não póde existir verdadeira liberdade de imprensa, nem de opinião publica, quando uma

sancção ameaça a imprensa de um paiz. Por toda a parte onde a policia, representando o Governo, sujeita a imprensa á Censura, não se goza de verdadeira liberdade. Tudo se póde dizer contra a imprensa americana; mas, se é obrigado a reconhecer que ella é independente de qualquer censura governamental. Desnecessario, pois, se torna que eu aqui indague si o Governo americano empregou ou instigou a Imprensa contra a Allemanha, tanto mais quanto, mesmo que elle tivesse desejado assim agir, não o teria ousado.

Muitos outros topicos do vossos cartas só podem ser explicados pela violenta emoção que devia vos dominar quando as escrevestes; fossem outras as circumstancias, serieis levado a modifical-os. Aliás, não quero insistir sobre este ponto de vossa correspondencia. Não ponho em duvida vossa sinceridade e acredito-vos inteiramente convencido de tudo quanto escrevestes. Dirigindo-vos esta carta, quero testemunhar-vos que aceito lealmente os votos que formulais, a saber: fazer com que duas nações que se mantiveram por largo tempo em termos cordiaes, melhor se comprehendam reciprocamente, e, em pról d'este desideratum, dissipar, pelo menos quanto a nós dois, o grave malentendido que estamos discutindo.

Como sabeis, á excepção de um certo numero de Allemães de origem, o povo Americano é, praticamente, unanime em condemnar a Alle-

manha por ter provocado a guerra e por fazel-a de uma maneira barbara. Do vosso lado, vós e a multidão de vossos compatriotas, estaes convencidos que esta opinião desfavoravel provém do facto de se ter, por meios deshonestos, occultado a verdade ao povo Americano. Vos conformaes esperando que, quando toda a verdade for conhecida, teremos que reformar a nossa opinião; dizeis que, então, seremos obrigados a reconhecer que a Allemanha agiu de accordo com o Direito e que ella não é responsavel pelos crimes de que é accusada. Mas, como sois um homem de sciencia e presais a verdade, qualquer que seja a conclusão a que ella conduza, não consentireis em vos deixar enganar por esse pensamento e essa esperança, uma vez que repousem sobre premissas falsas. Si, na realidade, é vosso desejo conhecer as condições que presidiram á formação da opinião da America sobre a conducta da Allemanha, vou tentar fazel-as conhecer com a mesma calma, com a mesma attenção escrupulosa, levada até a minucia, que me esforço, da melhor vontade, em manter nas minhas observações scientificas. Para discutir este assumpto, de vital importancia, quizera, primeiro, tentar dar conta da opinião que, antes da guerra, os Americanos tinham da Allemanha e dos Allemães, por ser esta a base sobre a qual se edificaram as opiniões mais recentes. Em seguida, procurarei explicar as fontes de informação de que os

Americanos dispuzeram desde o começo da guerra e de que modo estas informações fizeram com que se ficasse tendo uma opinião desfavoravel á Allemanha. Eis qual vae ser a exposição das observações de um homen que leu muito e que examinou com viva curiosidade as tendencias do pensamento do seu paiz. Si essa analyse conseguir convencer-vos de que a opinião americana não é o reflexo das mentiras inglezas, nem a emanação de uma imprensa venal, á serviço da Inglaterra, mas que, pelo contrario, ella se estriba em argumentos mais solidos, esta carta não terá sído escripta em vão. Si não vos convencerdes, si preferirdes vos ater ao consolador pensamento que, si a America conhecesse a verdade, ella applaudiria os actos da Allemanha, me ficará a satisfação de ter tentado, de absoluta boa fé, corresponder á cortezia que tivestes me escrevendo cartas tão calorosas e de ter exposto, com a mesma franqueza, a verdade—tal qual a vejo.

I.

Primeiramente, permitti que vos descreva o intimo da opinião publica americana relativamente á Allemanha e aos Allemães, exactamente tal qual me foi dado observar antes da guerra. Como o julgamento de um homem póde ser influenciado, para o bem ou para o mal, por sua propria observação, é justo que eu

procure resumir aqui a experiencia e o conhecimento pessoal que tenho das pessoas nascidas na Allemanha ou de paes Allemães. Entre as minhas mais velhas recordações, me occorre a de uma mocinha allemã que conheci, ainda menina, em nossa casa; foi ella quem me ensinou a me expremir em allemão; ella soube fazer-se estimar como si fosse de minha propria familia. No collegio, um dos meus dois professores favoritos e um dos meus melhores camaradas eram filhos de allemães. Estes dois homens ainda são para mim amigos preciosos; ambos acreditam na justiça da causa allemã; passei quasi tres verões na Allemanha; conto muitos amigos allemães, na America como na Europa. Os dois europeus, versados na mesma sciencia que eu, pelos quaes tenho a maior affeição pessoal, são professores allemães de Berlim e de Leipzig. Conto maior numero de amigos pessoaes no exercito allemão do que nos exercitos alliados. Minha irmã desposou um professor de descendencia germanica e de sympathias allemãs. Seguramente, si minhas relações pessoaes pódem me tornar parcial, ellas devem me dispôr em favor dos homens e das cousas allemãs.

Tanto quanto me é dado julgar, a opinião americana era, antes da guerra, em geral muito favoravel á Allemanha e aos Allemães. Na verdade, America admirava os notaveis progressos feitos pela Allemanha no curto espaço

de quarenta annos. Muito devemos á vossas Universidades; aproveitámos immensamente com os vossos progressos economicos; sempre admirámos esta união da pesquiza scientifica e do espirito pratico que valeu aos vossos compatriotas repetidos successos em variados dominios. A maior parte dos Allemães que immigraram para a America tornaram-se bom cidadãos; os acolhemos com prazer, porque elles forman entre os melhores dos extrangeiros que têm aportado á nossas plagas. A musica allemã e os musicos allemães não contam em outra qualquer parte com melhor acolhimento do que aqui; ninguem lhes mercadeja a admiração. Não podemos esquecer os serviços heroicos de muitos allemães, que deram a vida pela defesa da nossa bandeira, afim de assegurar os destinos da União. O amor dos allemães pela familia, os seus sentimentos de honra, penetraram profundamente o coração americano. Muitos amigos meus dizem que não entretêm relações tão intimas, tão affectuosas com outros extrangeiros, como acontece com os seus amigos allemães.

Esses sentimentos de admiração e de amizade, todavia, não nos cegaram quanto a certas falhas do caracter allemão; assim como, certamente, a vossa amizade por nós não vos deve ter vendado os olhos sobre nossos defeitos. Os maus modos dos allemães são proverbiaes, não sómente entre os Americanos, mas em todo o

mundo. Certos escriptores allemães, admittindo que os allemães em conjuncto, são pessoas mal educadas, imputam a este facto a causa da repulsa do mundo inteiro pela conducta da Allemanha n'esta guerra. Não penso, no que diz respeito, pelo menos ao sentimento americano, que semelhante explicação seja muita verdadeira. Não é contestavel que não podemos supportar a falta de respeito para com as senhoras que se nota na metade dos allemães; que a situação da mulher na Allemanha é para nós uma anomalia em uma nação que pretende personificar um typo superior de civilisação; que a attitude pretenciosa dos "intellectuaes" allemães nos diverte e até mesmo nos enoja.

É fóra de duvida que a insolencia dos vossos jovens officiaes, que julgam que os passeios nas ruas são exclusivamente para elles, desperta em nós a vontade de encontrar taes individuos fóra das fronteiras allemãs, em um ponto qualquer, onde um governo militarista, imbuido de sua honra, não esteja alli para protegel-os contra a sumanta a que fazem juz. É tambem exacta que, nos congressos, nas excursões e nos banquetes, que reunem cavalheiros e demas da todas as nacionalidades, os allemães conquistaram uma bem pouco invejavel reputação por suas maneiras grosseiras, invadindo os melhores lugares, amontoando-se nos trens antes das senhoras, alheios ás attenções devidas aos cavalheiros e as senhoras dos quaes são companheiros

ou visinhos. Reconhecemos sem rebuços esses vezos pouco recommendaveis do vosso caracter nacional. Mas duvido que esta antipathia pelas maneiras allemãs tenha influido muito sobre os Americanos quanto ao juizo que elles ficaram fazendo da moralidade allemã no decurso d'esta guerra; verdade é que alguns consideram esta ausencia de boas maneiras como o signal caracteristico de uma civilisação inferior. Em conclusão: eramos indulgentes para com a grosseria germanica, por consideral-a um effeito do rapido desenvolvimento material de uma nação joven, e, tambem, em parte, como uma consequencia provavel de um exaggero do temperamento aggressivo despertado pela educação militar.

A imparcialidade manda ainda dizer que a nossa admiração pelas conquistas allemãs no dominio da arte, da litteratura e da sciencia, nunca nos fez admittir a superioridade que muitos allemães reivindicam, em prol de seu paiz, nos referidos dominios. Os allemães tem feito tal alarde, muitas vezes com mais bairrismo do que bom gosto, d'essas pretenções, fóra do seu paiz, que não é para admirar que uma parte do publico tenha chegado, talvez, a darlhes credito.

O nucleo mais intelligente e mais ponderado do povo, porém, habituado a apreciar essas pretenções pela comparação exacta com os fructos das civilisações não teutonicas, nunca logrou encontrar fundamento serio para esta

supposta superioridade. Os Americanos intelligentes e sinceros reconhecem, sem hesitação, o que o mundo deve á arte, á litteratura e á sciencia da Allemanha; mas estão convictos que, com excepção talvez da musica, estes ramos da actividade humana, devem muito mais á Inglaterra, á França, e ás outras nações. No dominio da invenção, apreciamos devidamente a habilidade e os recursos que os allemães tem desenvolvido para adaptar descobertas novas ás suas proprias necessidades; mas, não é possivel negar que a mór parte das descobertas que têm exercido uma influencia decisiva sobre o desenvolvimento da civilisação moderna, surgiram não na Allemanha, mas em outros paizes.

No que diz respeito á administração municipal e ás formas variadas da legislação social, temos, de ha muito rendido homenagem aos grandes progressos do vosso paiz. Mas, si entrarmos a considerar as relações do individuo com o poder central—materia, aliás, muito mais importante—sempre julgamos e continuamos julgando que a Allemanha n'este particular é horrivelmente reaccionaria. Durante meio seculo, sob o regimem de um systema de educação fiscalisado por um governo burocratico, vossos professores não têm cessado de pregar uma theoria de governo que condemnamos como um erro. Vossa historia, vossos livros de philosophia, o conjuncto da vossa litteratura glorificam o "Estado." Acceitastes a perigosa

doutrina que affirma existir o individuo para servir o Estado, esquecendo que o Estado não é o ser mystico, divino que proclamaes, mas sim um governo dirigido por seres humanos, á vossa semelhança, por homens que na maior parte teem, provavelmente, bom senso, mas entre os quaes alguns são incompetentes e outros francamente maus, como acontece a toda aggremiação humana. É nossa convicção que a unica razão de ser do Estado é a de servir o individuo, de crear os meios que assegurem a maxima liberdade e o mais amplo desenvolvimento ao individuo. Nunca nos pareceu honroso para a intelligencia allemã vel-a satisfazer-se com uma theoria de governo que a maioria das outras nações civilisadas repelliram. Confundir, como fazeis, a organisação e a liberdade, pareceu-mos sempre um erro tragico, e, agora, mais tragico do que nunca; pois que uma pequena pandilha de homens sujeitos aos mesmos erros e ás mesmas faltas que quaesquer outros, poude vos precipitar em uma guerra terrivel, sem que vos fosse possivel fazer ideia do que ia acontecer; ella poude pôr em pratica uma Censura rigorosa afim de occultar as noticias que entende não deverem ser conhecidas; ella poude publicar um "livro azul," com o fim de expôr as causas da guerra, omittindo, porém, documentos essenciaes; e a Nação da qual ella assim illude a confiança consente em derramar rios de sangue na louca illusão de ter sido

forçada á guerra e de estar combatendo por uma nobre causa. Como é digna de lastima a triste confissão de uma senhora allemã que, em carta recentemente dirigida á America, escreveu :—"Nos não vemos as cousas sinão como o Governo julga que as devemos ver. Foi-nos dito que esta guerra era puramente defensiva, que nos tinha sido imposta. Começo a pensar que esta não é a verdade ; todavia alenta-me a esperança de um resultado favoravel."

Sem duvida, no que me escrevestes, sois profundamente sincero e honesto ; vossa carta, porém, está inçada de factos erroneos, porque as vossas informações vos foram ministradas por uma imprensa que, por depender da censura, vos enganou por motivos militares e politicos. Como é possivel que uma nação possa conhecer a verdade, pensar claramente e agir direito, quando alguns homens, chamados o "Estado," teem a faculdade de vos arrastar nas mais graves aventuras da vossa historia, sem vos ter informado ou consultado, e vos pode manter na ignorancia de documentos e de factos de uma importancia capital, afim de captar vossa inteira approvação em favor de suas perigosas empreitadas? Tal é a noção que sempre impelliu a America a denunciar como um erro a velha doutrina do "direito divino dos reis" desde ha muito imposta ao povo allemão, sob a forma mais subtil que possa revestir e, por isso mesmo, mais perigosa, a do "direito divino do Estado."

Temos como certo que um governo como o vosso é reaccionario e incompativel com a verdadeira liberdade; que elle avilta e perverte a intelligencia de seus subditos, o que é ainda amplamente confirmado pela observação prolongada do que se está passando entre vós, e, particularmente, pelo facto incontestavel que milhões de vossos melhores filhos, inclusive homens notaveis pela intelligencia e fortuna, abandonaram a Allemanha para procurar a verdadeira liberdade da intelligencia e da acção, na America, retirando sua fidelidade á patria para tornarem-se cidadãos aqui. Muitos d'elles se deleitam ainda com as recordações da infancia; mas, poucos annuiriam a ter que viver de novo sob um governo como o da Allemanha.

Vou agora resumir o que acabo de expôr.

Antes da guerra, os Americanos admiravam os notaveis progressos da Allemanha, feitos no decurso dos ultimos annos, no dominio economico e commercial; tinham em alto apreço vossas Universidades; apreciavam vossa musica; alimentavam sentimentos cordiaes pelos milhões de germanos que vieram viver entre nós e participar das nossas instituições livres. Lamentavamos que os maus modos dominassem entre os allemães, mas, desculpavamos este defeito; não tinhamos duvida em reconhecer que alguns allemães são cavalheiros delicados, de uma cultura perfeita, muitos delles com traços de caracter que admiravamos; reconheciamos o

immenso valor da contribuição da Allemanha á arte, á litteratura, e á sciencia, mas, não tinhamos esta contribuição como igual a de outras nações. Nunca olhamos a cultura allemã como superior, mas antes como inferior a de outros paizes; as ruidosas pretenções dos allemães a esta superioridade erão por nos tida como um signal de egoismo, como um ponto fraco do caracter allemão. Vossa forma de governo, vossa philosophia da historia ensinada nas Universidades, nunca nos inspirou admiração ou respeito, pois que ambas nos pareciam indignas de um povo intelligente e civilisado e sómente proprias para provocarem, de modo certo, um desastre. Vossos preparativos militares, que não passaram desapercebidos aos forasteiros que atravessaram vosso paiz, ha muito nos faziam desconfiar do vosso governo, e por isso ter vosso paiz como uma ameaça á paz do mundo. Em uma palavra, admiravamos e estimavamos vossa nação, ainda que a não considerassemos como perfeita, nem mesmo superior ás outras; todavia, condemnavamos vosso governo reaccionario militarista, e o tinhamos em suspeição.

II.

Tal era o nosso modo de sentir quando rebentou a guerra contra o mundo. A partir d'esse momento, que meios teve o povo Americano para formar uma opinião motivada a

respeito do que era falso e do que era verdadeiro? Que fontes de informações foram postas ao nosso alcance e de que meios dispuzemos para penetrer os factos? Fomos nós afogados na onda das mentiras inglezas, como alguns dos vossos professores me têm escripto? Teremos depositado toda a nossa confiança em jornaes corrompidos e parciaes, como deixaes suppor que é o nosso habito? Teremos nós ficado na dependencia de uma imprensa comprada pelo ouro inglez, como affirma continuamente a imprensa allemã?

Para começar, apoiamos, em parte, nossa convicção no conhecimento que já tinhamos do governo e do povo allemão. As centenas de Americanos que estudaram nas vossas Universidades; os milhares que visitaram o vosso paiz; os milhões que aqui vivem em contacto intima com allemães,—todos fazem uma ideia exacta do estado de espirito allemão, do ideal moral da nação allemã, das virtudes e dos defeitos dos allemães. Como é natural, os Americanos utilisaram essa primeira fonte de informação para chegar á veracidade ou á falsidade das accusações assacadas contra a Allemanha. Conversei com varios dos nossos professores Americanos, no momento mesmo em que desembarcavam em New York, ainda sob a impressão persistente de um verão passado na Allemanha, bruscamente interrompido pela explosão da guerra; elles chegavam directamente

de vosso paiz, tão completamente inteirados do ponto de vista allemão, no tocante á declaração da guerra, como qualquer dos vossos compatriotas. Muitos Americanos, que passaram mezes e até annos no sólo allemão e que conhecem intimamente o paiz e a gente, nos tem cabalmente informado sobre as aspirações allemãs e sobre os methodos do pensamento allemão.

É exacto que, desde o começo da guerra, muitas das noticias que recebemos, nos chegaram pelos cabos alliados; mas, os Americanos teem mais que o necessario bom senso para não acceitarem semelhantes informações como definitivas. As noticias de fonte tendenciosa são sempre por nós acolhidas com reserva; não se as admitte com absoluta confiança, sinão depois de confirmadas por fontes independentes. O que mais é, nunca faltaram aos Americanos informações allemãs de primeira mão.

Radiogrammas, expedidos directamente de Berlim para varias estações americanas, nos têm proporcionado poderosos meios de verificação das informações dos cabos. Os jornaes allemães nos chegam com regularidade; e são longa e continuamente citados. A Allemanha nos tem enviado agentes especiaes para nos darem, sobre cada acontecimento, seu modo de ver. Os discursos e escriptos d'esses agentes teem por varias vezes sido publicados e na integra, na maioria dos jornaes do nosso paiz, desde o Atlantico até o Pacifico. Os correspon-

dentes Americanos na Allemanha e nas zonas dos exercitos nos teem feito conhecer, tanto quanto a vossa censura o tem permittido, o que teem visto da Allemanha e do exercito allemão. Muitos Americanos, que regressaram da Allemanha durante a guerra, teem publicado suas observações e suas impressões. Muitos d'elles viram vosso exercito mãos á obra e sofferam com a deshumanidade de que deram prova ; e elles mesmos, por parte dos funccionarios civis do vosso governo, foram victimas de ultrajes e de indignidades. Por contra, outros foram recebidos á mesa e distinguidos como hospedes notaveis, o que lhes proporcionou exceptionaes ensejos para verem o que vossas auctoridades queriam que elles vissem. Todos nos trouxeram testemunhos de primeira mão sobre a conducta da nação allemã em guerra. Vossos professores de Universidade e outros vossos eminentes compatriotas nõs teem escripto cartas abertas e privadas sem conta, nas quaes nos apresentam os argumentos da Allemanha sob todas as formas imaginaveis. Vosso embaixador e outros funccionarios do vosso governo não teem cessado de, com empenho, offerecer ao publico Americano informações de fonte propria. Milhares de vossos reservistas, aqui retidos por falta de segurançã nos mares, cá estão no nosso paiz, para escreverem e falarem em proveito da Patria. Tereis que convir, ainda, que a causa da Allemanha encontrou

vigorosos campeões nos numerosos allemães e germano-americanos que habitam ha muito tempo a America. Munsterberg e outros teem publicado grande copia de artigos e de livros pró-Allemanha. Tudo quanto imaginar se possa como justificação da Allemanha foi divulgado e sublimado no extrangeiro pela imprensa germano-americana; com este amor do "fair-play" que o mundo inteiro nos reconhece, os proprios jornaes que consideram a Allemanha responsavel pela guerra e pelos peiores horrores d'ella teem publicado volumes de documentos pro-germanos, afim de que toda a verdade possa ser conhecida por uma livre e completa discussão dos dois pontos de vista. Li numerosos artigos pró-allemães no *Times*, no *Sun*, no *Outlook*, e outros jornaes e revistas hostis á politica allemã, e bem assim artigos de Munsterberg, de Kuno Franke, de von Bernstorff, de Dernburg e de outros devotados campeões da Allemanha. As columnas dos nossos jornaes teem sido liberalmente franqueadas a todos os defensores autorisados da causa allemã, independente da orientação politica d'esses jornaes. Nunca ninguem poude de modo mais completo e mais livre se defender, do que os amigos da Allemanha; elles conseguiram imprimir para o publico Americano todas as justificaçãoes possiveis dos actos da Allemanha. Somente a mais grosseira ignorancia do que se passa aqui faria com que um homem abalisado affirmasse que a

verdade a respito da Allemanha foi dissimulada aos olhos do Americano. Não conseguistes na vossa carta mencionar facto algum, argumento de qualquer natureza que já não tivesse sido impresso e reimpresso nos jornaes de um a outro lado da America, por varios partidarios da causa allemã. Os documentos officiaes publicados pela Allemanha para defender a sua attitude no inicio da guerra, as atrocidades que ella assaca contra seus inimigos, as provas presumidas da falsidade das atrocidades de que é accusada, tudo tem sido integralmente publicado, em profusão, ainda que pareçaes ignoral-o.

Não é tudo.

Afóra a publicidade legitima em favor da Allemanha, vimos abater-se sobre o publico Americano a mais descommunal propaganda de que até hoje foi dado ao mundo ser testemunha. Milhões de dollars foram despendidos por agentes allemães em uma assombrosa campanha que visava ageitar a opinião publica. A America foi litteralmente submersa por uma avalanche de folhas, de brochuras, de livros, de artigos, de annuncios, tudo subvencionado pelos alludidos propagandistas. O dinheiro foi derramado sob todas as formas imaginaveis, com o fim de captar o sentimento americano contra os alliados e a favor dos Allemães. Solicitou-se por toda a parte, em prol d'essa propaganda, contribuições em dinheiro; um dos nossos collegas de Columbia University figura entre os portadores de nome

allemão que recusaram, em cartas que se tornaram publicas, sustentar esta campanha argentaria, levantada por agentes allemães. Foram organisadas greves em nossas fabricas; jornaes tem havido, que eram estipendiados; oradores operarios foram peitados para fommentar disturbios; tudo com dinheiro de origem allemã. O embaixador Dumba foi obrigado a retirar-se, porque cartas secretas d'elle, que tinham sido aprehendidas, revelaram as tramas que se urdia para fomentar greves nas fabricas de munições, para subornar oradores que teriam por missão provocar descontentamento no seio dos operarios, e para assalariar jornaes que se incumbissem de sustentar a propaganda allemã. Para todas estas empreitadas era o governo Austriaco que fornecia o numerario necessario. Espiões allemães, agora detidos, confessaram que tinham sido enviados para a America, portadores de grandes sommas de dinheiro, por altas autoridades allemãs, com a incumbencia de incendiarem as fabricas americanas e promoverem nas trevas, conspirações contra a nossa neutralidade. Funccionarios allemães residentes, entre nós, confessaram que empregavam milhões de dollars em illegaes manobras emprehendidas com violação das nossas leis e com insolente despreso pela mais rudimentar cortezia diplomatica internacional.

Os nossos tribunaes acabam de julgar e condemnar a 18 mezes de trabalhos forçados tres altos funccionarios allemães da Companhia

Hamburg-America, por terem premeditado, com violação das nossas leis, auxiliar navios de guerra allemães ; esses funccionarios confessaram ter dispendido perto de dois milhões de dollars de ouro allemão n'esta obra illegal. Nossos agentes de policia avaliam que as autôridades allemãs gastaram vinte e sete milhões de dollars, somente na America, com o fim de nos indispor com os alliados, promover disturbios contra nós nos meios operarios e fazer rebentar no Mexico uma revolução que nos creasse embaraços. Nosso governo teve que pedir que os addidos militar e naval da Allemanha fossem retirados, em vista de suas insolentes violações da nossa neutralidade, a propaganda que dirigiam e era alimentada por enormes sommos de ouro allemão, visava nos indispor com a Inglaterra, em favor da Allemanha.

Por uma brochura, uma folha, ou um artigo recebido de organisações inglezas, francezas, russas e italianas, varias duzias me tem chegado ás mãos de procedencia allemã. Recebo, quando muito, uma circular por mez dos paizes alliados ; uma semana não se passa sem que me cheguem varias, de origem allemã.

A America foi atulhada pela litteratura da propaganda allemã ; dos outros paizes, muito pouco é o que nos tem vindo. Paginas repletas de reclames, pagas por agentes allemães, por varias vezes appareceram em jornaes americanos, exaltando o merito da causa allemã ; em

favor dos Alliados, jamais vi uma só. Por toda a cidade de New York, antes de minha partida em ferias, toda a gente poude ver nas pedras de publicidade, gigantescos cartazes, espalhados por uma sociedade pró-germana, que incitavam o povo a pedir ao Presidente Wilson que prohibisse a exportação de armas para os paizes inimigos da Allemanha; nunca tive occasião de ver cartazes, de qualquer natureza, afixados pelos amigos dos Alliados. E, de facto, a America tem sido tão litteralmente invadida pela propaganda allemã, pelos reclames allemães, pelos peditorios de dinheiro em prol da propaganda pró-allemã, que o paiz inteiro já vae sentindo nauseas e exigiu do Governo a expulsão de alguns dos vossos agentes, dentre aquelles que promoviam a mais chocante propaganda. Foi o ouro allemão e não o ouro inglez que se prodigalisou para ageitar a opinião americana. O nosso governo se viu obrigado a organisar uma policia especial para descobrir e fazer abortar numerosas conspirações para as quaes o ouro allemão e o ouro austriaco eram profusamente despendidos e visavam influenciar a opinião e a conducta da America. Dos outros paizes neutros nos chegam abundantes provas de que a mesma intensa propaganda, tendo em vista angariar as opiniões e os actos em favor da Allemanha, tem por toda a parte sido conduzida com uma audacia e uma prodigalidade que tem pasmado o mundo. Deante

d'esses factos, os clamores allemães contra o "ouro inglez" carecem de sinceridade e são simplesmente ridiculos.

Para terminar, a opinião americana fundouse, muito mais do que sobre outras bases, nas communicações officiaes da Allemanha dirigidas directamente ao nosso governo; em certos actos reconhecidos pela propria Allemanha; na natureza das justificações e das desculpas apresentas pelo governo allemão para attenuar estes actos. Não deveis esquecer que todas as longas notas pelo vosso governo endereçadas ao nosso, foram, na integra, publicadas em todos os jornaes americanos. Vosso protesto quanto ao ouro inglez, contra telegrammas adulterados pelos inglezes, contra jornaes corrompidos, ficam sem razão de ser deante da correspondencia diplomatica recebida directamente por vosso embaixador. Essa correspondencia official, authentica, tem servido para nos dar a noção exacta do ideal de moralidade e de humanidade que está regulando a conducta actual do governo allemão. A nossa opinião sobre a Allemanha tem sido profundamente influenciada por esses documentos officiaes.

A Allemanha cometteu certos actos que vosso proprio governo reconheceu. Ora, uma nação como um homem, é julgada pelos seus actos. Pode-se recorrer a desculpas e explicações, mas os actos ficam de pé. Os Americanos teem lido, integralmente por diversas vezes,

as desculpas e explicações; e é tendo bem presentes estas desculpas e estas explicações, que elles formaram opinião sobre a Potencia que supporta a responsabilidade dos actos. Nem o ouro inglez, nem os telegrammas adulterados, tem que ver n'esta opinião. São os proprios factos que, com seu poder soberano, formaram a opinião americana sobre a Allemanha.

A Allemanha defende os numerosos actos que a tem coberto do despreso e do opprobrio do mundo civilisado. Como sabeis, um dos melhores criterios da moral de um homem é a natureza da defesa que elle escolhe para seus actos. Os Americanos teem lido cuidadosamente todas as defesas apresentadas por vosso Chanceler, por vosso Ministro dos negocios extrangeiros, por vosso sub-secretario dos negocios extrangeiros, pelos emissarios especiaes que tendes aqui enviado e por vosso embaixador. Com as notas enviadas official e directamente ao nosso governo pelo vosso, formamos opinião do ideal moral do governo que dá e approva taes explicações.

Sois obrigado, creio, a admittir com toda a sinceridade e franqueza, que o povo americano tem podido dispor de numerosas fontes de informação para poder formar uma opinião a respeito da Allemanha. Com uma imprensa livre, com uma diplomacia á luz meridiana, com um convivio, com uma densa população

allemã, absolutamente livre de qualquer censura e de qualquer constrangimento, com um governo que não precisa supprimir factos por motivos militares ou politicos, nós estamos em melhores condições que o povo allemão para conhecer toda a verdade sobre a Allemanha.

III.

Nas paginas que precedem procurei fazer uma exposição das numerosas fontes de informação que tem servido para amparar a opinião dos Americanos sobre a Allemanha e sobre a conducta d'ella n'esta guerra. Passo agora a expor o que os Americanos pensam dos grandes acontecimentos que se teem desenrolado. Não me proponho a explicar esta opinião, critical-a ou defendel-a. Tão pouco não quero dar minha opinião pessoal sobre varios pontos; isto sería de pouca monta, uma vez que estou tratando da attitude de uma nação inteira. Si desejardes, terei muito prazer, em outra occasião, em vos dizer quanto minha opinião propria differe da opinião collectiva do meu paiz e no que consiste esta differença. Por agora o meu fim é somente dar conta do estado de espirito actual dos Americanos, ou, pelo menos, da grande maioria d'elles; pois faço exclusão de um numero importante de pessoas nascidas na Allemanha e de um pequeno numero de pessoas nascidas na America (em geral, as que, pelo casamento

ou outros vinculos, teem laços com a Allemanha). Em todo o caso, mais de 90 por cento da nossa população pode ser considerada como representando a opinião que eu aqui qualifico de americana.

Em primeiro logar, os Americanos fazem sempre uma distincção entre o governo allemão e o povo allemão. Elles comprehendem que certos traços do vosso governo prussianisado jamais cahiram nas graças dos bavaros, dos saxonios, e de outros elementos da população allemã. Não quero com isso dizer que os Americanos pensam que uma parte da Allemanha não é bastante leal para com seu governo. Ao contrario, elles julgam que o povo allemão sustenta com devotamento esse governo e defende seus actos e que, por conseguinte, elle é, no seu conjuncto, responsavel por todos os actos practicados por esse governo. Mas os Americanos reconhecem a efficiencia da direcção prussiana na politica do vosso paiz. Elles não pensam que o povo allemão tivesse querido a guerra, mas pensam que o governo militarista, sob a direcção prussiana, a quiz, preparou-a durante annos com extrema habilidade e maestria e que a declarou quando julgou a occasião favoravel.

Os Americanos estão convencidos de que o insolente ultimatum á Servia foi lançado com o designio de provocar a guerra; acreditam que a Austria jamais teria ousado envial-o si

o governo allemão não lhe tivesse antecipadamente assegurado que lhe deixaria "as mãos livres"; de resto, vosso governo reconheceu isso officialmente.

Como a Austria até agora tem recusado tornar publicas as provas sobre as quaes assentou sua accusação contra a Servia, de que modo estabeleceu essas accusações após processo secreto no qual os accusados não foram representados, ella revoltou não sómente a America, mas o mundo inteiro, que ficou convencido de que a Austria e a Allemanha eram mais culpadas do que a Servia.

Os americanos estudaram escrupulosamente os documentos officiaes que os diversos governos publicaram sobre a origem da guerra, tendo tido a vantagem de compulsarem os de cada fonte. Os documentos officiaes publicados pela Inglaterra, Allemanha, França, Austria, e os outros governos foram impressos *in extenso* sob forma de brochura; a nação inteira os estudou avidamente. Compellido pela paixão de conhecer a verdade, o povo exgottou edições sobre edições. Na Allemanha não houve semelhante empenho em conhecer a verdade por meio do exame e critica das fontes officiaes de informações. Allemães eminentes constataram, com pezar, que a maioria de seus compatriotas contentavam-se em acceitar as affirmações do seu governo como a expressão da verdade, sem procurar julgal-as por meio da propria intelligencia. Aos olhos

dos Americanos, está provado por documentos officiaes e pelas confissões de vosso governo, no decurso do seu arrazoado, que o governo allemão impoz a guerra afim de satisfazer as ambições do partido militar, que ha muito tempo empolgara o poder.

Si vos fosse permittido ver certos documentos que o vosso governo não vos deixa ler agora, poderieis decidir imparcialmente si os Americanos e os outros neutros foram justos ou injustos affirmando que a Allemanha é a responsavel pela guerra. Emquanto isto não vos for facultado, guardareis a convicção de que o julgamento do mundo é uma terrivel injustiça para com vosso paiz. O governo que desencadeou a guerra não vae permittir a seus subditos a leitura de cousas que abalariam a confiança n'elle e enfraqueceriam a força de resistencia d'elles com a continuação da guerra.

Si effectivamente a Allemanha tivesse exercido uma influencia moderadora em Vienna e procurado evitar a guerra, os documentos trocados entre Berlim e Vienna d'isso fariam fé se fossem publicados. A Allemanha tem toda a conveniencia em publicar esses documentos, em provar sua sinceridade, si é facto que ella tenha procurado impedir a guerra. De outro lado, a Allemanha e a Austria precisam conserval-os secretos si ellas, de combinação premeditaram a guerra. Ambas, os conservaram secretos; o publico até agora esta na ignorancia da minima

palavra d'essa correspondencia essencial entre as duas capitaes. Vosso proprio povo ignora completamente que conversações tiveram lugar durante dias criticos que precederam ás declarações de guerra. Só sabeis uma cousa— o mundo só sabe uma cousa—ter a Allemanha vagamente affirmado " que ella estava exercendo uma influencia moderadora em Vienna." Não podeis pretender que o mundo dê credito á semelhante generalidade, uma vez que não foram trazidos a publico os documentos que devem dar o testemunho de sua veracidade ou falsidade. Porque não são elles exhibidos? Os Americanos, assim como o resto do mundo, estão convencidos de que o vosso governo não ousa publical-os, porque elles provam a culpabilidade da Allemanha muita mais decisivamente do que as confissões contidas nos documentos já publicados.

Eis ahi qual é a opinião quasi universal da America e dos paizes neutros. Os variados pretextos e os meios evasivos a que Berlim recorreu para illudir todas as tentivas de mediação e de arbitragem, ou qualquer programma que tendesse para uma solução pacifica da crise, a confissão feita por Berlim de deixar " as mãos livres " á Austria, a ignorancia da correspondencia entre Berlim e Vienna, em que permanece o publico, tudo concorre para convencer os espiritos imparciaes e rectos de que o Governo de Berlim é, *ab inicio*, o responsavel da guerra.

Publicando durante annos uma farta littera-

tura de guerra; ensinando seu povo a pensar e a viver em contacto com a guerra; accumulando enormes reservas de material bellico emquanto, notoriamente, os paizes alliados não estavam preparados e se achavam impossibilitados de supportar os primeiros golpes de um ataque brusco e com mais forte razão, de emprehender uma campanha offensiva, a Allemanha fortaleceu a grave presumpção de ter sido ella e não os alliados quem quiz a guerra.

A correspondencia official dos dias que precederam á guerra poreja de suggestões em favor de uma arbitragem, de uma mediação, de outros recursos pró-paz, emanando todas dos paizes alliados. Os Americanos teem, em vão, procurado um só projecto de solução pacifica que tenha partido da Allemanha. Pelo contrario, a propria versão allemã das negociações só traduz uma recusa persistente, da parte de Berlim, a toda proposta pacifica e uma vontade obstinada de sustentar Vienna no seu ataque contra a Servia. Esse ataque, vindo depois do roubo da Bosnia e da Herzegovina pela Austria sob a protecção da Allemanha, não podia ser approvado pelo mundo civilisado: tinha que fazer estalar a guerra.

Quando a Servia, a conselhada pelos alliados a fazer todas as concessões possiveis para que a guerra fosse evitada, acceitou 8 sobre 10 das humilhantes exigencias da Austria e annuiu a submetter a arbitragem as duas que importavam

no sacrificio da sua soberania nacional, tornou-se evidente para o mundo que os alliados não queriam a guerra e que elles estavam resignados a grandes humilhações para impedil-a. Aos olhos dos Americanos um homem parcial e de bom senso não póde honestamente acreditar que nações, desejosas de provocar a Allemanha, tivessem aconselhado sua protegida que capitulasse vergonhosamente deante de exigencias insolentes e injustas. Si fosse verdade que os alliados quizeram impor a guerra á Allemanha, elles tiriam aconselhado á Servia que resistisse e não que cedesse. Quando a Austria, apoiada pela Allemanha, declarou guerra a Servia—ainda que esta tivesse cedido inteiramente em 8 pontos e acceitado a arbi'ragem para os dois restantes—ninguem, fóra da Allemanha e da Austria, duvidou que a Allemanha impunha a guerra, afim de completar os engradecimentos territoriaes que considerava, desde muito tempo, como seu destino natural.

A culpabilidade da Allemanha é reconhecida não sómente pela America e por outros paizes neutros, mas ainda por centenas de milhares de allemães que, habitando paizes neutros, podem conhecer a verdade melhor do que nos paizes belligerantes. Allemães que estavam na Allemanha quando rebentou a guerra, mas que n'esta occasião vieram para a America, disseram-me pessoalmente, que depois que conhecem toda a verdade não mais alimentam duvidas

quanto á responsabilidade da Allemanha pela catastrophe. Allemães que deixaram a America para combater nas fileiras patrias, me confessaram, em conversas privadas que, a julgarem pelo que conheciam foi a Allemanha quem quiz a guerra e que o Imperador e o partido militar prussiano eram disso os culpados. Conheço allemães que sustentam a causa dos alliados, porque estão certos que a derrota do prussianismo é essencial á Allemanha civilisada.

Vossa rigorosa censura não nos impediu de receber cartas de allemães que põem em duvida a affirmação allemã de terem sido os alliados que quizeram a guerra. Um grande numero de pensadores independentes da Allemanha teem judiciosamente reconhecido, como uma elementar verdade, que um governo jamais confessa ser responsavel por uma guerra; por conseguinte, a affirmação do vosso governo de não ter sido elle quem desencadeou a guerra, não tem peso, emquanto o povo allemão ignorar a verdade, emquanto elle não dispuzer dos meios para poder formar uma opinião intelligente, como homens o devem fazer, em logar de acceitar affirmações sem provas e testemunhos parciaes, como fazem as creanças. Hoje acreditaes na innocencia do militarismo prussiano, mas no resto do mundo bem poucos são aquelles que alimentam duvidas a respeito de sua culpabilidade. Amanhã, logo que termine a guerra, e que possaes lançar de fóra um olhar retros-

pectivo sobre o conjuncto dos acontecimentos, tereis a fortuna de poder formar um juizo ponderado a respeito de qual a nação que deve ser pela Historia responsabilisada por este horrendo crime contra a humanidade.

A violação da neutralidade belga profundamente commoveu os Americanos, tanto quanto o resto do mundo civilisado; devido a isto a massa do sentimento popular voltou-se, com mais violencia do que nunca, contra a Allemanha. Quanto á serodia desculpa do vosso Governo de que a Belgica já tinha sido violada pelos Alliados, os Americanos são praticamente unanimes em considerar isso como um subterfugio inepto, inventado para arredar da Allemanha a terrivel tempestade de uma reprovação universal deante do martyrio de um povo innocente. Nada do que jamais possa dizer ou escrever um allemão apagará da memoria dos homens o facto inconcusso de ter o vosso Chanceller officialmente confessado o crime perpetrado por vosso paiz. "O mal, fallo francamente, senhores—o mal que fizemos á Belgica repararemos quando tivermos alcançado nosso fim militar." Pronunciando estas palavras, vosso Chanceller confessou levianamente uma verdade que impoz para sempre silencio aos apologistas do vosso crime. A opinião americana considera como deshonrosa e futil a accusação de terem soldados francezes violado o territorio belga e aviadores francezes atravessado o mesmo em

aeroplano. É tambem inutil tentar uma defesa da Allemanha trazendo a scena documentos descobertos na Belgica, uma vez que vosso Chanceller já tinha reconhecido officialmente a culpabilidade da Allemanha. Para os Americanos, é fóra de duvida que, apoiada sobre os factos conhecidos da causa e sobre a confissão do vosso Chanceller, a Historia condemnara para sempre a Allemanha como responsavel pelo brutal despreso dos tratados e lhe exprobará esse attentado sanguinario contra uma nação innocente, como um dos mais hediondos crimes que jamais fora comettido por uma nação que aspira um logar elevado entre os paizes civilisados.

Quanto ao argumento de que as "necessidades militares" justificam a destruição de pessoas innocentes, que a invasão da Belgica era necessaria como medida "defensiva," os Americanos o consideram como uma prova flagrante da ferocidade inacta do Governo allemão.

Um homem que castigasse uma donzella innocente, afim de attingir outro homem, seria condemnado como o peior dos brutos. Um governo que massacra brutalmente um povo innocente e pacifico, afim de attingir um governo inimigo é cons derado por todos os Americanos como o mais requintado dos barbaros. Nenhum governo realmente civilisado seria tão brutalmente egoista para se proteger a si proprio

inflingindo os horrores de uma guerra monstruosa a um povo innofensivo e sem defeza.

Deslocaes a questão das atrocidades perguntando-me si os Americanos acreditam que os allemães, taes como eu os conheço, seriam capazes de crimes tão abominaveis. É facil responder-vos. Os Americanos estão convencidos que muitos allemães prefereriam a morte a commetterem uma crueldade. Mas elles sabem, como o resto do mundo, que vosso governo militarista, a pretexto de necessidades militares, poude perpetrar os crimes mais brutaes e mais barbaros. A Historia mostra que um governo militarista abafa os instinctos mais delicados da nação que o sustenta. Muitos allemães têm lutado para abater a camarilha militarista da Allemanha; muitos delles são almas das mais nobres e das mais encantadoras que me tenha sido dado conhecer. Outros, porém, sublimaram a ideia da guerra e o militarismo. Durante o tempo que me hospedei na casa de um official allemão, fui testemunha de actos brutaes e crueis que, estou convencido, seriam impossiveis em outro paiz civilisado, entre pessoas da mesma educação e da mesma intelligencia. Infelizmente, os Americanos não vêm o meio de pôr em duvido as tendencias barbaras do exercito allemão.

No curso do incidente de Saverna, muitos dos vossos melhores cidadãos se revoltaram contra a brutalidade militar; mas, a punição

dos officiaes culpados fo annulada pelo vosso governo militarista. Na guerra actual, esse mesmo governo confessou e justificou incriveis atrocidades, sob o pretexto de "necessidades militares."

Os Americanos não acreditam nas mentiras forjadas pelas comadres; mas, quando o vosso livro de instrucções, redigido para uso dos officiaes, repelle expressamente todas as resalvas admittidas em tempo de guerra pelos povos civilisados, invocando "excepções" ás leis da guerra, os Americanos não hesitam em concluir que o vosso governo é mais barbaro do que o de qualquer das nações tidas como civilisadas; pois, os outros paizes não reconhecem aos exercitos o direito de fazer taes excepções. Procurando defender-se da tempestade de reprovação universal que se levantou contra elle, vosso governo confessou e justificou a matança de refens innocentes, como uma "necessidade militar;" nenhum outro paiz civilisado imitou semelhante conducta, e os Americanos teem o governo allemão como brutal e barbaro por haver permittido esses actos nimiamente deshumanos. Soldados americanos foram mortos em Vera-Cruz por franco-atiradores; o nosso governo, porém, teria mandado inforcar qualquer official americano que, em represalia, tivesse ordenado a matança de refens innocentes. Vosso governo, entretanto, justifica e defende semelhantes actos. Os Americanos foram, pois, obrigados a concluir que o vosso governo é menos

civilisado do que os governos da America, da França e da Inglaterra, que não toleram tão brutal canducta.

Vosso governo mandou executar uma mulher de nobre caracter e defende este acto como perfeitamente legal e como uma " necessidade militar." Os Americanos admittem de boamente que Miss Cavell era culpada de tudo quanto a accusavam. Mas, durante nossa guerra civil, tivemos que prender centenas de mulheres que tinham comettido crimes muito mais graves, que confessavam ser espias extipendiadas pelos rebeldes e que compromettiam a segurança dos exercitos federaes. Nenhuma d'ellas foi executada, porque os Americanos deha 50 annos, eram bastante civilisados para não cometterem um acto tão barbaro. A Inglaterra recusou-se a executar qualquer das espias allemãs, que deteve pelo mesmo delicto.

O mundo inteiro encheu-se de horror quando o governo allemão, a coberto de formas legaes, cometteu contra a mulher e a humanidade um crime que, durante seculos, fará corar de vergonha os Allemães, todas as vezes que for pronunciado o nome de Miss Cavell. Os Inglezes enrubecem com a lembrança de Jeffreys, mas não ha um só inglez que defenda este diabolico degolador de mulheres. Os Americanos coram com á recordação de Mrs. Surrat, mas pouco são os que dentre elles defendem a sua execução. Os factos de terem os allemães ousado procurar justificar a morte atroz de Miss Cavell fez com

que muitos Americanos tenham concluido que a enbrutecedora influencia do militarismo tornou a massa do povo allemão menos humana do que os povos dos outros paizes, uma vez que ella approva o que todos os povos condemnam.

O vosso governo fez bombardear cidades maritimas abertas que muitos Americanos sabem, por terem elles proprios constatado antes da guerra e durante o bombardeio não serem defendidas. Mães i filhos foram despedaçados, sem que nenhum damno militar resultasse, na maioria dos casos. Por um soldado attingido, duzias de anciãos, mulheres e creanças foram mortos. Póde-se dizer o mesmo dos vossos raids de zeppelins. Os Americanos estão certos de que estes actos foram comettidos com o fim de levantar o enthusiasmo da população allemã. Consideram esses actos como um desafio as regras da guerra entre nações civilisadas, profundamente brutaes e barbaros e teem a nação que approva e applaude esses massacres inauditos como menos civilisada do que as outras nações modernas.

O governo britannico recusou de modo decisivo ceder á grita de seus concidadãos que reclamavam represalias contra cidades abertas da Allemanha; os Americanos veneram o respeito das leis da guerra entre nações civilisadas e lamentam que, apezar de occasionalmente, a França tenha cedido a provacação, dirigindo raids de represalia contra Friburgo. O facto de ter a Allemanha iniciado a matança de

criancinhas e de mulheres a despeito das leis da guerra e que a tenha continuado por meio de frequentes raids de navios de guerra, de zeppelins e de aeroplanos, quando os Alliados, muito raramente e sómente como represalia aos attentados barbaros da Allemanha, teem atacado cidades abertas, valeu á Allemanha a condemnação e aos Alliados os encomios do mundo civilisado.

O attentado do *Lusitania* dissipou do espirito dos Americanos qualquer especie de duvida a respeito da crueldade innata do governo allemão. Nenhum outro governo, tendo-se em conta de civilisado, jamais revoltou o mundo por um crime tão asqueroso contra a humanidade. É absolutamente inconcebivel que a nação americana possa nunca descer tanto na escala da humanidade, para ordenar a destruição deliberada de um navio inglez que tivesse a seu bordo mulheres e creanças innocentes ; mas, se semelhante hypothese viesse a se confirmar, é certo que não se encontraria na marinha americana um official capaz de obedecer a esta ordem deshumana. Os Americanos acreditam que jamais os governos francez e inglez deshonrariam seus paizes com actos tão barbaros. Surprehende-me e indigna-me que um homem da vossa categoria e de vossa cultura possa achar razões para defender actos que para sempre macularam o nome e a honra do vosso paiz.

Li com espanto vossa affirmação de que o

Lusitania estava armado; que levava munições, com violação das leis americanas, e que os nossos funccionarios o tinham inspeccionado superficialmente. Vosso proprio governo abandonou a falsa accusação de que o *Lusitania* transportava canhões, elle renunciou a essa reclamação ridicula; os reservistas allemães que allegaram ter visto o canhão confessaram ter mentido; estão purgando uma temporada em prisão por perjurio. Não conheceis as leis americanas de navegação que autorisam o transporte de certos typos de munições em vapores de passageiros; ignorais naturalmente a que inspecção o navio foi submettido em New York, uma vez que estaveis na Allemanha n'aquelle momento. Vossas affirmações se arrimam em documentos falsificados fornecidos pelos vossos jornaes sujeitos a censura. Não tinheis meio algum para determinar a verdade ou a falsidade d'esses documentos por um inquerito imparcial e digno de fé; todavia, não hesitastes em apresentar como verdadeiros, factos que vosso governo confessa agora não terem fundamento. Precisamente porque homens instruidos da Allemanha teem violentamente defendido, depois que começou a guerra, o ponto de vista allemão, servindo-se de accusações temerarias e de affirmações monstruosas, sem fundamentarem essas accusações e essas affirmações, acceitando, com uma simplicidade infantil, documentos frageis do governo allemão, os Americanos perderam a confiança na aptidão dos allemães

esclarecidos para pensarem e raciocinarem com rectidão e honestidade sobre as cousas da guerra.

Os manifestos dos professores allemães enviados aos Americanos, contribuiram muito para afastar da Allemanha as sympathias dos Americanos; com effeito, a aspereza e o furor iniquos d'esses documentos, de par com a completa ausencia de provas das numerosas asserções temerarias n'elles contidas, muito contribuiram para convencer os Americanos de que o ponto de vista allemão não pode ser defendido honestamente, logicamente, friamente, nobremente. Jamais, em tempo algum, se viu semelhante espraiamento de acrimonia e de furor nos povos Inglez e Francez. À parte algumas excepções individuaes, o conjuncto dos documentos francezes e inglezes, relativos á guerra, têm sido caracterisado, desde o começo, por um sangue frio e uma calma que, em particular no caso dos francezes, tem admirado os Americanos; pois esperavamos, da parte d'estes, violencia e excitação. Em globo, os documentos allemães, desde o principio se tem caracterisado por uma aspereza desenfreada e violentas ameaças aos inimigos e aos neutros; isso, a seu turno, sorprehendeu os Americanos, porque esperavamos de vossa parte mais logica, mais dominio de vós mesmos, do que de parte de dos francezes; em vez d'isto, constatamos menos.

Os Americanos teem o povo allemão na conta

de um grande povo, capaz de grandes e de boas cousas, veneram e admiram a Allemanha cuja melhor expressão se encontra na litteratura, na musica e na sciencia, arenas nas quaes vos illustrastes. Mas, o governo allemão lhes inspira desconfiança e horror por ter coberto de infamia o nome da Allemanha. A bravura heroica dos soldados allemães que morrem pela patria, a firmeza estoica das mulheres allemãs que tanto supportam e soffrem, não conseguiu despertar enthusiasmo entre nós ou entre os neutros, attenta a macula com a qual o governo militarista da Allemanha deslustrou os sacrificios feitos pelos seus. As vossas maiores victorias não dignificaram os vossos exercitos perante o mundo em vista do manto de deshonra que envolve todas as obras da machina militar da Allemanha. Não ha enthusiasmo, e parcos são os elogios para os defensores de Varsovia e de Vilna porque os Americanos não esquecem que foram soldados allemães que assassinaram innocentes refens por "necessidade militar," que quasi distruiram Lovaina por "necessidade militar," que violaram na Belgica todas as leis da guerra e da humanidade por "necessidade militar," que executaram uma sobre preceptora ingleza por "necessidade militar," que destruiram inestimaveis monumentos de civilisação em França por "necessidade militar," que lançaram do alto do ceo, aproveitando as trevas, bombas sobre os somnos das mulheres e das

creanças, em cidades abertas a massacraram centenas de innocentes não-combatentes por "necessidade militar"; que deram a creanças de peito e ás suas mães innocentes, a gritarem de horror ou já sem folego, o oceano por tumulo, por "necessidade militar," que procuraram justificar todas as barbaridades e todos os crimes contra a humanidade lançando mão do argumento capcioso e egoistico da "necessidade militar." O vosso governo despojou os vossos soldados, perante o mundo, de toda a honra, fazendo d'elles os instrumentos d'uma politica militar que o resto do Universo unanimemente condemna como brutal e barbara.

Para os Americanos reflectidos, entre aquelles que melhor conhecem a Allemanha e os allemães, o primeiro dever de professores intelligentes, como vós, é não tentar a desesperada tarefa de conseguir do resto do mundo a approvação dos methodos do governo allemão, mas, de preferencia, empregar toda a influencia para que seja proclamado um governo allemão que nutra algum respeito pelas opiniões do resto do mundo e seja capaz de restituir á Allemanha seu lugar habitual entre as nações civilisadas.

O vosso maior inimigo não é nem o governo francez, nem o governo inglez:—elles podem bater-vos na guerra, mas nunca vos poderão tirar a honra. O vosso maior inimigo é o governo que arrastou o bello nome da Allemanha na lama de deshonra, revoltando os instinctos

moraes do mundo civilisado, praticando actos que nenhuma outra nação civilisada imaginava que se pudesse cometter. O vosso maior inimigo é o governo que destruiu o vosso desenvolvimento individual, tornando-vos os instrumentos doceis do " Estado "; que esmaga o vosso livre pensamento com o peso de uma imprensa açamada, guardada pela policia; que torna os vossos sabios ridiculos aos olhos do mundo incitando-os, cega e levianamente, a sustental-o e a acceitarem infantilmente as vendas que lhe apraz por sobre os vossos olhos a titulo de razões militares e politicas; que vos precipita em uma guerra desastrosa sem vos ter esclarecido e consultado; que chama sobre vós o despreso do mundo inteiro por crimes que expontaneamente jamais terieis comettido, mas que tendes que defender " no interesse do Estado."

Os Americanos são de opinião que um governo que provoca uma guerra e que mente aos seus subditos para d'elles obter o apoio, deve ser destruido; que um governo que rasga os Tratados e que massacra uma nação neutra innocente, deve ser destruido; que um governo que assassina refens innocentes para impedir que franco-atiradores defendam seus lares ameaçados, deve ser destruido; que um governo que, repetidas vezes e systematicamente, bombardeou cidades abertas e aldeias, matando centenas de mulheres e creanças, deve ser destruido;

que um governo que torpedea navios de passageiros, não armados, afogando milhares de homens, mulheres e creanças sem defesa, violando cynicamente as leis e a humanidade, deve ser destruido; que um governo que, de sangue frio, manda executar uma mulher como Miss Cavell, deve ser destruido; que um governo que arrasa sem piedade obras d'arte e monumentos da Civilisação, e que impõem pesadas contribuições de guerra ás cidades conquistadas, a despeito das leis de guerra estabelecidas, deve ser destruido. Para os Americanos, um governo que tivesse commettido um só d'esses crimes não deveria existir em um mundo civilisado. Um governo que os cometteu todos, deve, na opinião do povo americano, ser radicalmente destruido.

Os Americanos, durante longos annos, pensaram que os allemães expontaneamente se libertariam do pesadelo d'esse go er o militarista que esmaga-lhes a individualidade e que faz do seu paiz um objecto de desconfiança e de receios para todos os que se empenham pelos progressos da civilisação. Mas, si não quereis, vos mesmo, extirpar o monstro que vos cobriu de deshonra e de vergonha, a salvação do mundo e o futuro da Allemanha exigem que o actual governo da Allemanha seja destruido pela força das armas. É por esta razão que os Americanos fazem votos ardentes pela victoria dos Alliados.

Si é preciso fazer um sincero esforço para manter a neutralidade material prescripta pelo nosso presidente, semelhante neutralidade deixa de ser possivel sob o ponto de vista moral. Os Americanos não podem violar a neutralidade de seu paiz prestando auxilio militar aos Alliados; isso, porém, não impede que sejam quasi unanimes em dar apoio moral ás Nações que emprehendaram a tarefa necessaria de destruir o monstro do militarismo prussiano. Toda a assistencia que podem trazer aos Alliados, sem violação da neutralidade nacional, elles a trazem, não porque deixem de admirar o povo allemão, mas porque a destruição do actual governo da Allemanha é considerada como a primeira etapa da volta do povo allemão ao lugar de honra que outrora lhe cabia. Os Americanos considerariam irreparavel desastre para a civilisação a victoria final da Allemanha e só ficarão satisfeitos quando os exercitos allemães tiverem sido decisivamente batidos. Os Americanos estão certos que a derrota da Allemanha é fatal e que o povo allemão com ella pouco soffrerá si consentir expontaneamente em repudiar o governo a quem cabe a responsabilidade dos seus actuaes soffrimentos e si quizer se tornar a pôr em marcha, sob a direcção de um governo moderno, responsavel perante o povo.

Sinceramente vosso,

DOUGLAS W. JOHNSON.
